

## Comunidade, ética e economia ecológica: reflexões sobre o modo de vida da morada da paz

## Community, ethics and ecological economy: reflections about morada da paz's way of life

Rogério Ferreira Teixeira\*

---

### Resumo

Este artigo baseia-se em pesquisas, observações cotidianas e entrevistas realizadas com os membros da Comunidade Morada da Paz (CMP), localizada no município de Triunfo, estado do Rio Grande do Sul, Brasil, desde sua fundação em janeiro de 2003 até abril de 2009. O objetivo geral deste artigo é investigar as dinâmicas sócioeconômicoambientais dentro da CMP, analisando a partir do seu *modus vivendis* as inter-relações entre ética e economia ecológica. Os objetivos específicos serão investigar como se construiu e se mantém sustentável o modo de vida da CMP ao longo da sua trajetória de existência, examinando-se as suas relações internas, as suas relações com o meio ambiente e as relações que mantêm com o seu entorno local e colaboradores, e analisar as possíveis contribuições que o seu modo de vida pode oferecer ao desenvolvimento de práticas sustentáveis junto a outras comunidades, ao seu entorno local e regional e à sociedade em geral.

**Palavras-chave:** sustentabilidade; solidariedade; redes.

### Abstract

This paper is based on researches, daily observations and interviews made with Comunidade Morada da Paz's (CMP) members localized in Triunfo, Rio Grande do Sul, Brasil, since its foundation in January 2003 until April 2009. The general objective of this paper is to investigate the social-economical-environmental dynamics in CMP, analysing, from its *modus vivendis*, the interrelationship between ethics and ecological economics. The specific objectives will be to investigate how CMP way of life was built and how it is sustained in its journey of existence, observing the internal relationships, the relationships with the ecosystem and the relationships with its neighbourhoods and partners, as well as to analyse the possible contributions that CMP's way of life can offer to the development of sustainable practices of other communities, neighbourhoods, local region and society.

**Keywords:** sustainability; solidarity; networks.

\* Economista. Pós-graduando em Gestão de Pessoas (UFT). Membro do Núcleo de Economia Solidária (NESol/UFT). E-mail: rogeriodamorada@yahoo.com.br

## Introdução

O que motivou a realização deste artigo foi a necessidade de pesquisar alternativas para um modo de vida sustentável, que possibilite uma integração entre o ser humano e a natureza, apontando caminhos nesta direção. Neste sentido, uma abordagem sobre comunidade, ética e economia ecológica tornou-se apropriada para relatar a experiência da Comunidade Morada da Paz (CPM) de Triunfo/RS.

Primeiramente, será feito um breve histórico sobre o movimento das comunidades e o surgimento da economia ecológica enfocando seus principais pressupostos. Em seguida, realizar-se-á uma retrospectiva sobre a constituição da CMP, analisando as suas dinâmicas internas, o uso de tecnologias sustentáveis nas relações com o meio ambiente e as ações que estabelece em rede com parceiros e colaboradores.

Finalmente, serão tecidas algumas considerações a respeito das abordagens realizadas, visualizando a partir destas a Morada da Paz como uma comunidade onde economia ecológica e ética encontram-se e complementam-se fomentando um modo de vida sustentável e solidário.

### 1 Um Breve Histórico sobre Comunidades e o Surgimento da Economia Ecológica

O modelo capitalista neoliberal gerou profundos desequilíbrios no planeta em vários aspectos, como o social, econômico, cultural e por consequência o ambiental. Torna-se primordial a busca por uma forma de vida que possibilite o reencontro do ser humano consigo mesmo e com uma relação mais sustentável com a natureza e com seu semelhante.

A propósito, Capra (2002, p.267-268) comenta que

No decorrer deste novo século dois fenômenos específicos terão um efeito decisivo sobre o futuro da humanidade. Ambos se desenvolvem em rede e ambos estão ligados a uma tecnologia radicalmente nova. O primeiro é a ascensão do capitalismo global, composto de redes eletrônicas de fluxos de finanças e de informação; o outro é a criação de comunidades sustentáveis baseadas na alfabetização ecológica e na prática do projeto ecológico, compostas de redes ecológicas de fluxos de energia e matéria. A meta da economia global é a de elevar ao máximo a riqueza e o poder de suas elites; a do projeto ecológico a de elevar ao máximo a sustentabilidade da teia da vida.

Duran (2001, p.25), a este respeito complementa com algumas considerações:

Todas las experiencias de transformación alternativa de la sociedad al margen de mercado y de la lógica patriarcal dominante, tienen un gran valor como semillas y polos de referencia de lo que puede llegar a ser una transformación a mayor escala. La reconstrucción de las estructuras comunitarias, de los nuevos ámbitos de comunidad, se debe producir principalmente a partir de lo local. Lo local, que ha sido sometido y desarticulado por el capitalismo global, es necesario en gran medida restaurarlo ex novo.

A vida em comunidades, conforme Santos Junior (2006), é prática antiga e remonta aos primeiros estágios da civilização humana. Encontramos relatos de experiências de comunidades na Palestina, com os essênios antes de Cristo, na Índia, com os seguidores de Buda, e na América, com os índios, que também compartilham princípios e práticas comunitárias.

Claval (1999, p.113) tece algumas considerações importantes para compreendermos melhor o significado de comunidade:

A vida social baseia-se em organizações hierárquicas institucionalizadas. Ela implica igualmente que os parceiros sintam-se pertencentes a um mesmo conjunto pelo qual cada um se sinta responsável e solidário. Isto toma em alguns casos uma forma afetiva, aquela da comunidade. Noutros casos, a construção social

tem fundamentos racionais, o interesse, a eficácia, a preocupação de assegurar a defesa e a segurança coletivas, por exemplo. É o sentido da distinção proposto pelo sociólogo Ferdinand Tönnies, há mais de um século, entre a comunidade e a sociedade. A comunidade serve de modelo a toda uma série de unidades sociais e culturais: um pequeno grupo coeso, onde os membros estão ligados por relações de confiança mútua, pode se multiplicar por emigração ou se estender para englobar um grande número de pessoas ligado por certos traços fundamentais de cultura.

Claval (1999, p.114) considera ainda que existam quatro formas de construir uma comunidade:

- elos de sangue e de aliança que unem os membros de uma família;
- membros unidos por um mesmo ideal e um projeto comum<sup>1</sup>;
- irmãos que partilham de uma mesma fé religiosa;
- co-habitação de pequenos grupos num mesmo lugar.

O movimento da contracultura na década de 60, no século passado, reunindo principalmente jovens descontentes com a violência, o extermínio da fauna e da flora, e a vida competitiva nos grandes centros urbanos fez proliferar principalmente nas Américas várias comunidades embaladas por um projeto comum.

Conforme comentado por Capra (1988), o movimento ecológico e o movimento feminista impulsionaram uma nova visão de mundo, mais atenta à questão da sustentabilidade e da preservação da vida e do planeta para o futuro.

O movimento das comunidades estruturadas a partir de um projeto de vida comum se encontra hoje

num processo crescente de desenvolvimento, sendo que muitas delas contam com a organização e o trabalho em rede. Objetivam em seus movimentos transcender uma realidade que privilegia o individualismo, a degradação ambiental e acarreta sérios desequilíbrios econômicos, políticos e sociais. Há comunidades espalhadas pelo mundo todo, como Findhorn (Escócia), Cristal Waters (Austrália) e Lebensgarten (Alemanha), que podem ser reconhecidas como referências em práticas ecológicas.

Há uma entidade internacional, a Global Ecovillage Network (GEN), que promove a veiculação de notícias, o intercâmbio e a realização de cursos e atividades de interesse comum. Santos Junior (2006) relata que a GEN-Global, no ano de 2000 conseguiu obter o reconhecimento de "organização oficial" da ONU, com status consultivo no Conselho Econômico e Social do Comitê das ONGs.

Neste início de século XXI, o movimento de vida em comunidades ganha força e adeptos por oferecer alternativas frente ao sistema hegemônico vigente, construindo através de suas experiências possibilidades para um modo de vida<sup>2</sup> sustentável<sup>3</sup>.

As comunidades baseadas em projetos se desenvolveram num momento simultâneo à efervescência do debate sobre meio ambiente no mundo. Houve a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente em Estocolmo no ano de 1972, tratando sobre o panorama ambiental mundial, foi publicado o Relatório Brundtland em 1987, trazendo o conceito de desenvolvimento sustentável, ocorreu ainda a RIO 92, que aprofundou estas discussões, houve a assinatura do Protocolo de Kyoto em 1997, que previa a redução da emissão de

<sup>1</sup> De acordo com Claval (1999, p.115), a comunidade de projeto resulta de uma adesão consciente de seus membros. Pode ser analisada em dois níveis:

- a) parcial: se se trata de uma associação desportiva, lúdica ou caritativa, à qual os membros conseguem uma parte de seu tempo livre;
- b) global: se se trata verdadeiramente de um projeto de vida comum, segundo um modelo mais ou menos utópico, diferente daquele que a sociedade oferece em geral (MANUEL; MANUEL, 1979).

<sup>2</sup> Segundo Derruau (1982), podemos definir modo de vida como o conjunto de hábitos pelos quais o grupo que os pratica assegura a sua existência.

<sup>3</sup> Sobre sustentabilidade, Ruscheinsky (2004, p.20) contribui para um melhor entendimento, afirmando que a princípio a sustentabilidade refere-se à capacidade de um modelo ou sistema sustentar-se na dinâmica evolutiva sem permitir que algum setor aprofunde-se em crises de tal forma que venha a atingir a totalidade.

gás carbônico na atmosfera, entre outros movimentos, como a RIO + 10, na África do Sul em 2002.

No mesmo momento histórico, desenvolviam-se novos postulados para a Ciência Econômica, incorporando as principais preocupações trazidas à tona com relação ao meio ambiente, nascendo, pois a Economia Ecológica.

Para Alíer (1998, p.268), um dos precursores da Economia Ecológica, ela pode ser definida como:

Uma economia que usa os recursos renováveis (água, pesca, lenha e madeira, produção agrícola) com um ritmo que não exceda sua taxa de renovação, e que usa os recursos esgotáveis (petróleo, por exemplo) com um ritmo não superior ao de sua substituição por recursos renováveis (energia fotovoltaica, por exemplo). Uma economia ecológica conserva assim a diversidade biológica, tanto silvestre quanto agrícola.

Conforme apontado por Melo (2006, p.111), Georgescu-Roegen (outro precursor da economia ecológica) postula que:

As transformações decorrentes das atividades econômico-industriais resultam em uma entropia crescente, sendo possível se quantificar o aumento da desordem no sistema (entropia). Além disso, indica medidas para diminuir o processo entrópico:

- utilização de processos de reciclagem;
- minimização do uso de energia e de materiais;
- consideração do custo ambiental decorrente de todo o processo de extração, produção e consumo;
- minimização da produção de dejetos e da poluição.

Várias destas contribuições trazidas pelos economistas ecológicos passaram a ser adotadas pelas comunidades projetadas para a busca de uma relação mais equilibrada com a natureza.

Ainda sobre a economia ecológica, Melo (2006, p.111) afirma que sua abordagem está centrada em duas ideias, a saber:

- 1 limite ao crescimento econômico, visto que os recursos naturais são limitados e escassos;
- 2 a capacidade suporte não é algo fictício ou hipotético, pois a experiência mostra que o “progresso” da

ciência e da tecnologia não tem garantido a sustentação da vida no decorrer do tempo.

Outro pressuposto importante da economia ecológica, segundo Melo (2006, p.115), é a análise dos fluxos físicos de energia e de materiais, além de considerarem os preços de mercado (com o devido rigor, uma vez que estes podem esconder relações ecológicamente desiguais), em suas próprias análises. Defendem ainda a participação política, especialmente dos movimentos ambientalistas, para que o mercado (através do sistema geral de preços) assuma os custos ambientais, uma vez que o mercado por si só não o faz.

A Comunidade Morada da Paz (CMP), conforme será visto adiante, incorporou em seu planejamento o uso do instrumental econômico-ecológico, previamente elaborando com auxílio de consultoria de arquitetos um plano diretor para o terreno escolhido como sua sede e implantando no dia-a-dia um fluxo sistêmico para minimizar impactos ambientais.

## 2 O Processo de Constituição da Comunidade Morada da Paz

A CMP é uma organização da sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, sem identificação político partidária, fundada em 2003 na área rural do Distrito de Vendinha, no município de Triunfo/RS, com o objetivo de promover a sustentabilidade ambiental como caminho para a busca de uma melhor qualidade de vida. Os objetivos<sup>4</sup> da Comunidade Morada da Paz são:

- promoção e qualificação educacional;
- desenvolvimento e valorização ambiental;
- promoção da saúde holística;
- investigação da dinâmica social.

A CMP começou a ser constituída quando um grupo de pessoas oriundas de Porto Alegre/RS/Brasil

<sup>4</sup> Extraídos do seu estatuto social.

optou por vivenciar no dia-a-dia uma filosofia que estava sendo construída ao longo de uma trajetória coletiva de 4 anos (de 1998 a 2002). O *modus vivendis* da CMP inclui a observância de princípios tais como a fraternidade, a ética, o respeito, a prática de uma alimentação vegetariana, a vontade de viver uma vida plena e integrada à natureza, com simplicidade e de uma forma sustentável.

Para tanto, alguns se desfizeram de terrenos e veículos, outros de suas economias, juntaram o que conseguiram arrecadar e realizaram ainda um empréstimo para adquirir uma área de 4,2 hectares numa zona rural distante 52 quilômetros de Porto Alegre, no município de Triunfo/RS, para constituir o que viria a ser a CMP. O local foi escolhido através da pesquisa em um anúncio de classificados e foi aprovada a sua compra pelos membros do grupo após a visita, tendo sido desconsiderada a necessidade de outras pesquisas, pois o sentimento comum era de que o espaço congregava todos os requisitos almejados.

Uma moradora da CMP (S.J., 37 anos) assim explana sobre a trajetória de constituição do movimento:

A Comunidade Morada da Paz é a resultante do sonho de um grupo de pessoas que no decorrer da sua trajetória compreendeu que era necessário retomar a sua própria força e autoria na construção do mundo desejado. Os integrantes são pessoas que antes de constituí-la conviveram juntos pelo menos quatro anos. Alguns de nós éramos familiares, colegas de trabalho e amigos. Esse período de convivência, que precedeu a CMP, teve como característica a busca por uma compreensão profunda e comprometida do sentido das nossas existências. Assim estabelecemos como rotina estudos e vivências em grupo, que nos conduziram à expansão dessa compreensão. Logo nos determinamos à elaboração de um projeto de ação coletiva, que colocasse o nosso saber a serviço de outras pessoas e comunidades. Os componentes tinham idades diversas (18 a 40 anos), formação educacional distinta (1º grau a mestrado) e ocupação profissional também diversificada. Cada experiência e saber individual são reconhecidos como um universo fundamental de possibilidades para constituição desse projeto (trecho retirado de entrevista realizada em junho de 2007).

A área adquirida não foi repartida de acordo com o que cada um ofertou para a sua aquisição, e a proposta de vida desde o início sempre observou o uso comum dos recursos materiais e naturais para a construção da comunidade. Neste sentido, S.J. complementa:

O princípio que nos levou a construir o projeto CMP foi o sentido de unidade e coletividade comum a todos. A percepção da necessidade de estarmos juntos para resistir às pressões sociais, econômicas, espirituais,... e para garantir que pudéssemos nos colocar a serviço do outro potencializando nossas capacidades. Compreendemos que os processos de transformação acontecem, invariavelmente, em micro espaços, movidos pela força e crença de quem os constitui (trecho retirado de entrevista realizada em junho de 2007).

No início, a CMP foi constituída por 5 famílias, sendo 2 casais com 1 filho cada, de 2 anos na época, 1 casal sem filhos e 2 solteiros, totalizando 10 pessoas. O grupo era formado por jovens, com a média de 31 anos de idade entre os adultos, sendo predominantemente negros. Quanto às profissões, na época, havia duas assistentes sociais, um engenheiro eletricista, um professor, um economista, uma pedagoga, uma técnica em administração e um padeiro/confeiteiro.

De lá para cá, aconteceram muitas mudanças quanto ao número de pessoas, tendo ocorrido entradas e saídas, e inclusive a constituição de um núcleo da comunidade em Salvador/BA, na área urbana. Hoje, constituem a CMP, somando os dois núcleos, em Triunfo e em Salvador, 6 famílias, totalizando 14 pessoas.

A CMP se mantém através de recursos próprios dos seus moradores que trabalham em serviços externos, doações regulares e eventuais. Não há o apoio do governo ou de empresas através de projetos até este momento. Há um caixa único comunitário constituído pelas entradas através das fontes citadas. A área de planejamento e gestão de recursos delibera com os representantes das demais áreas a aplicação dos recursos para custear as despesas com alimentação, transporte, educação, vestuário, entre outras necessidades.

Embora existissem alguns membros nascidos no interior do estado, nenhum havia experimentado ainda uma vida rural, sendo eminentemente urbanos, até então. Esta mudança da cidade para o campo, na tentativa de fazer do campo não um lugar de produção, mas uma opção de residência, preservação ambiental ou mesmo um espaço de lazer, são experiências há algumas décadas já conhecidas na Europa, como destaca Carneiro (1998, p.3):

Novos valores sustentam a proximidade com a natureza e com a vida no campo. A sociedade fundada na aceleração do ritmo da industrialização passa a ser questionada pela degradação das condições de vida dos grandes centros. O contato com a natureza é, então, realçado por um sistema de valores alternativos, neo-ruralista e antiprodutivista. O ar puro, a simplicidade da vida e a natureza são vistos como elementos “purificadores” do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial.

A CMP vislumbra a perspectiva de uma vida humana integrada com a natureza, de um constante compartilhar, da troca de experiências entre as pessoas, do diálogo sincero e aberto para a construção e da articulação de redes solidárias.

Sobre estas questões, Norgaard (1997, p.124) sabiamente complementa:

Sendo conscientes de como a lógica econômica tem sido distorcida pelas crenças modernas, podemos pelo menos começar de novo e construir a partir da importância crescente da convicção de que sustentabilidade ecológica, justiça ambiental, estrutura econômica e cultural global são cruciais para o bem-estar de nossa progênie.

### 3 Os Sete Princípios para a Sustentabilidade da CMP

A vida em comunidade é construída por pessoas. Onde existem pessoas há um fluxo de relações que se estabelece. Para se manter estes movimentos em harmonia é preciso observar alguns princípios<sup>5</sup>, como

<sup>5</sup> Tais princípios estão presentes no estatuto social da Comunidade Morada da Paz.

determinação, respeito, receptividade, compreensão, humildade, solidariedade, amorosidade.

Os princípios são observados tanto nas relações humanas, quanto na relação com o meio ambiente e também na relação com a sociedade (projetos com parceiros da rede e com o entorno local). Tais práticas demonstram que a economia dentro da CMP está intrinsecamente conectada a aspectos éticos.

Sobre isto, Sen (1999, p.19) contribui afirmando que:

Em última análise a economia relaciona-se ao estudo da ética e da política, afirmando que o problema da motivação humana, “Como devemos viver?”, revela uma questão amplamente ética, ressaltando que essa ligação não equivale a afirmar que as pessoas sempre agirão de maneira que elas próprias defendem moralmente, mas apenas a reconhecer que as deliberações éticas não podem ser totalmente irrelevantes para o comportamento humano real.

No dia-a-dia, há o envolvimento de cada um dos membros da CMP com o todo, compreendendo as dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas da vida coletiva. Os processos decisórios para encaminhamentos operacionais das metas e objetivos são realizados através de um conselho gestor. O sentido é integrar cada membro no contexto da comunidade, criando uma identidade e fortalecendo a unidade na diversidade, o propósito do movimento.

O sistema de relações na CMP não é cada um ter a sua casa e reproduzir os *modus vivendis* da civilização moderna, ou seja, cada família fazer as suas próprias compras, preparar apenas para si os alimentos e ter os seus projetos de vida individuais<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Estas observações acabam por revelar aspectos do ethos da vida comunitária na CMP. Geertz (1978, p.143) explica que os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo ethos, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo visão de mundo. O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade.



A proposta da CMP vai além, constrói a perspectiva de um projeto coletivo de existência, onde a vivência de cada membro compõe uma peça importante na execução das linhas de ação da comunidade.

Bravo (1982, p.23) salienta sobre este aspecto que:

A comunidade com seus problemas, suas histórias, deve estar bastante relacionada à vida de cada um e à de todos, como uma coletividade una. E, evidentemente, que a vida comunitária, com seus problemas, sua gente, sua história, suas coisas, enfim, não deve ser apenas admirada ou mesmo "curtida". Há necessidade de cada comunitário viver a sua comunidade, participando, construindo-a. A identificação, a equação e a solução das dificuldades comuns da comunidade, portanto, devem ser objetivos dos comunitários. E esta atitude somente será conseguida se houver uma participação ativa de cada um e de todos.

A gestão da CMP estabelece um equilíbrio de poderes havendo dois conselhos, o curador para zelar pelos seus princípios filosóficos, e o gestor para operacionalizar as demandas administrativas divididas em oito áreas operacionais<sup>7</sup>. Na estrutura da CMP, há a presença de gestores, responsáveis pelas áreas organizacionais com igual poder de representação legal da CMP frente a terceiros. Ressalta-se considerando estas características o caráter autogestionário<sup>8</sup> da CMP.

Sobre a autogestão, Singer<sup>9</sup> (2002 *apud* PEREIRA; GUERRA, 2008, p.249) considera que:

Torna-se importante, portanto, destacar que a autogestão é, antes de tudo, uma relação sócio-econômica entre os homens, baseada no princípio da distribuição segundo o trabalho e não sobre a base do capital, dos meios de produção. Assim, todas as decisões precisam ser tomadas pelo coletivo. Mesmo quando exista um

<sup>7</sup> Conforme o estatuto social da CMP, suas áreas organizacionais são as seguintes: organicidade, nutrição, animais, agroecologia, gestão de recursos, projetos, documentação e relações exteriores.

<sup>8</sup> Segundo Carvalho (1995 *apud* PEREIRA; GUERRA, 2008, p.249), autogestão pode ser definida como um modelo de organização em que o relacionamento e as atividades econômicas combinam propriedade e (ou) controle efetivo dos meios de produção com participação democrática de gestão.

<sup>9</sup> SINGER, P. Introdução à economia solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

sistema de representações com delegados eleitos, essas representações somente serão efetivas se os representantes forem diretamente ligados e submetidos ao poder dos seus representados.

## 4 O Desenvolvimento de Tecnologias Sustentáveis

As tecnologias sustentáveis utilizam princípios e técnicas da permacultura. Na CMP, a permacultura auxilia na busca de uma relação mais equilibrada com a natureza, estando presente em várias áreas de atividades.

Sobre o conceito de permacultura, Legan afirma o seguinte: (2004, p.13):

Permacultura significa cultura permanente. É um sistema de design para a criação de ambientes produtivos, sustentáveis e ecológicos para que possamos habitar na Terra sem destruir a vida. Este sistema de planejamento holístico trabalha com a natureza pela imitação dos processos naturais, utilizando a sabedoria dos sistemas tradicionais de produção e o conhecimento científico moderno para estabelecer comunidades sustentáveis.

O conceito foi desenvolvido nos anos 1970 por dois australianos, David Holmgren e Bill Mollison. Consiste no desenho e manutenção de pequenos ecossistemas produtivos, junto com a integração harmônica do entorno, das pessoas e suas vidas, proporcionando respostas a suas necessidades de uma maneira sustentável. De acordo com Legan (2004), o princípio básico da Permacultura é o de trabalhar "com", ou "a favor de", e não "contra" a natureza. Os sistemas permaculturais são construídos para durar tanto quanto seja possível, com um mínimo de cuidado. Os sistemas são tipicamente energizados pelo sol, vento e a água, produzindo o suficiente tanto para sua própria necessidade, como para a dos humanos que o criam e controlam. Desta maneira, o sistema é sustentável.

A CMP conta com captação de água da chuva em cisternas, reciclagem de matéria orgânica em composteiras,

práticas agroecológicas, sanitários compostáveis, reaproveitamento da água cinza do banheiro e bioconstruções, procurando articular de uma forma sinérgica o uso destas tecnologias de forma a minimizar o nível de entropia provocado pela ocupação humana no terreno.

Pelo seu próprio caráter de buscar a utilização de materiais recicláveis em suas construções e equipamentos, muitos dos empreendimentos em comunidades têm um processo artesanal na sua elaboração, assim como na agricultura ecológica que é praticada, o que demanda mais mão de obra. O resultado da produção e do conhecimento construído pode ser trocado e com o tempo a comunidade pode ministrar cursos a pessoas interessadas, aproveitando o *know-how* adquirido para gerar recursos. A CMP tem adotado estas práticas com êxito.

Os projetos sócioeducativoambientais visam disseminar os princípios e o propósito da CMP através de oficinas de educação ambiental, oficinas de bioconstrução, jornadas solidárias temáticas, seminários, saraus poéticos, atividades lúdico-pedagógicas, entre outros movimentos.

O público alvo abrange crianças, jovens, adultos e idosos. Os objetivos destes projetos são estimular a percepção ambiental, despertar a consciência ecológica, resgatar a autoestima, potencializar a criatividade e a alegria de viver junto a este público, pois um ser humano em harmonia contribui para um mundo mais sustentável.

## 5 Rede de Envolvimento Solidário

As redes de contatos e parcerias são fenômenos característicos deste novo século, potencializados pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, mais especificamente a *Internet*.

Segundo Capra (2002, p.267):

A análise dos sistemas vivos em função de 4 perspectivas interligadas – forma, matéria, processo e significado –

faz com que nos seja possível aplicar uma compreensão unificada da vida não só aos fenômenos materiais, mas também aos que decorrem do campo dos significados. A idéia central dessa concepção sistêmica e unificada da vida é a de que o seu padrão básico de organização é a rede. Em todos os níveis de vida – desde as redes metabólicas dentro das células até as teias alimentares dos ecossistemas e as redes de comunicação da sociedade humana – os componentes dos sistemas vivos se interligam sob a forma de rede. Em particular, na era da informação, as funções processos sociais organizam-se cada vez mais em torno de redes. Quer se trate de grandes empresas no mercado financeiro, dos meios de comunicação ou das novas ONG's globais, constatamos que a organização em rede tornou-se um fenômeno social importante e uma fonte crítica de poder.

As redes são movimentos chaves para a sustentabilidade, e a união de forças com certeza contribuirá para uma relação mais harmoniosa do homem com a natureza e do homem com o próprio homem, na medida em que poderão ser reciclados vários materiais, ideias e ações ao se promover intercâmbios, economizando energias. A organização em rede reduz a dependência do sistema hegemônico, através da troca e do compartilhamento de produtos, saberes e serviços.

Neste sentido, Mance (2008, p.1) complementa:

As Redes de Colaboração Solidária são fundamentadas em um sistema de produção onde não pode haver exploração nem dominação dos trabalhadores, com equilíbrio nos processos, com uso de insumos produzidos de forma ecologicamente correta, e com partilha dos excedentes, havendo reinvestimento e formação de novas redes. “A ideia é remontar cadeias produtivas, fazendo com que saíamos do labirinto capitalista, criando outra economia”.

Ressalte-se ainda o caráter empreendedor das comunidades construídas a partir de projetos coletivos, agregando pessoas e organizações voltadas a práticas sustentáveis, estruturadas a partir da gestão social dos seus objetivos, constituindo-se em peças importantes na criação e manutenção de redes. Sobre esse aspecto, Pereira e Guerra (2008, p.247) consideram que:



O campo da gestão social reflete as práticas e o conhecimento construído interdisciplinarmente. Como as ações mobilizadoras partem de múltiplas origens e têm muitas direções, as dimensões praxiológica e epistemológica estão entrelaçadas. Aprende-se com as práticas e o conhecimento se organiza para amparar a prática.

Ainda sobre gestão social, Fischer<sup>10</sup> (2002 *apud* PEREIRA; GUERRA, 2008, p.249) complementa afirmando que:

O campo da gestão social é um campo de gestão conceituado como interorganizações, ou seja, organizações dentro de organizações que mantêm relações articuladas entre si. As interorganizações são constituídas por possuírem propósitos comuns.

A CMP começou a estruturar uma rede, denominada Rede de Envolvimento Solidário (RES) a partir de sua fundação, em 2003, através de seminários temáticos, oficinas e atividades artísticas dentro e fora da sua sede, e continua a agregar pessoas que desejem compartilhar dos mesmos princípios e ações que por ela são desenvolvidos.

As observações realizadas sobre estas atividades permitem apontar que ao mesmo tempo em que se empreendem ações através de movimentos solidários, novos conhecimentos são construídos coletivamente, revelando uma face criativa e inovadora dos projetos baseados em gestão social.

A este respeito, Martinho (2004, p.86) refere que:

A rede é portanto, um espaço de relacionamento e, como tal, promove a interação entre os participantes. Tal interação representa, como é lógico afirmar, comunicação intensa. Mas, mais do que isso, implica a ocorrência de uma série vasta de influências recíprocas. No relacionamento, assim como na prática da comunicação, o que há é uma profunda troca de fluxos formadores e reguladores, na qual uns vão construindo, moldando alterando impressões, ideias, visões de mundo, valores e projetos dos outros e vice-versa. Esse ambiente de troca e auto-regulação coletiva, baseado na comunicação, faz de uma coleção de elementos díspares um grupo, um todo orgânico, uma comunidade.

<sup>10</sup> FISCHER, T. **Elaboração de trabalho acadêmico**. Salvador: Universidade Corporativa Banco do Brasil, 2006.

## Considerações Finais

A sustentabilidade em suas múltiplas dimensões pressupõe a ação consciente dos indivíduos para que as conexões necessárias ao seu processo efetivamente ocorram, garantindo desta forma um “equilíbrio”, dentro de um contexto dinâmico.

Desde a prática de ações simples até projetos mais complexos passam necessariamente pela mudança de consciência, tanto em nível micro (indivíduos) quanto em nível macro (empresas, países, ongs), o que por sua vez implica na incorporação de princípios éticos e ações altruístas no dia a dia, nas formas de pensar, sentir e agir. A questão da sustentabilidade está intrinsecamente ligada a estes aspectos.

A crise ambiental é antes de tudo uma crise de valores, que com o passar do tempo foram sendo esquecidos, relegados a um plano secundário na vida, à medida que ganhava força no mundo o desenvolvimento de um padrão de dominação e a desvalorização de práticas solidárias. A visão de mundo que daí emergiu centrava-se na ordem técnica-racional, rompendo-se a reverência ao sagrado e às tradições e crenças baseadas no equilíbrio das relações com a natureza e o cosmos.

Um mundo sustentável necessariamente precisa de indivíduos com mais clareza e consciência da sua importância e do seu papel neste tempo planetário, para que haja uma unidade de forças capazes de provocar uma mudança de consciência objetivando melhorar as condições de vida ao redor do mundo.

Para se transcender padrões e comportamentos viciados no sistema hegemônico dominante e promover uma mudança na sua mentalidade e na forma de se relacionar com a natureza, consigo mesmo e com seus semelhantes é necessário antes de tudo muita determinação, sobretudo para se reconhecer como uma possibilidade de transformação.

Respeitar as diferentes verdades que existem em diferentes mundos também é um fator fundamental nesta mudança de consciência.

Estar receptivo para perceber-se e perceber os diversos seres que nos cercam, sem dúvida é uma prerrogativa valiosa.

Compreender é igualmente estratégico para evitar julgamentos apressados e perceber que o seu movimento não é único.

Humildade, uma das virtudes mais desafiantes a serem alcançadas, a qual remete a aprender com quem sabe mais que você, compartilhar com quem sabe tanto como você e ensinar pelo exemplo a quem ainda não caminhou tanto como você é indispensável para a transformação se refletir em ações.

Solidariedade, a síntese de todas as virtudes citadas anteriormente, pois para ser solidário (e sustentável) é preciso determinação, respeito, receptividade, compreensão e amor.

Amar, pois para zelar e cuidar da natureza, dos nossos semelhantes e de nós mesmos é fundamental mais do que entender racionalmente a importância disso. É condição *sine qua non* amar incondicionalmente a vida.

A CMP norteia-se segundo estes princípios, tendo alcançado êxito em seus projetos e ações pela busca de soluções simples e criativas para responder às questões mais essenciais da vida no planeta como os relacionamentos, a alimentação, a educação, a habitação, o uso de fontes de energia, fazendo o uso de saberes e técnicas ancestrais conjugados com tecnologias desenvolvidas recentemente.

Tais experiências requerem acima de tudo, segundo seus membros, a crença nos princípios e no propósito da comunidade para buscar a sustentabilidade nas relações que desenvolve internamente, com o meio ambiente e com a sociedade, as quais são expressas no seu modo de vida.

A unidade dos princípios sustenta o modo de vida da CMP, possibilitando que tanto as ações mais simples quanto os projetos mais elaborados se tornem e operacionais em suas diferentes etapas. A unidade (compreendendo a diversidade) sintetiza o propósito

do movimento da CMP e integra todas as forças e princípios que a compõe.

O modo de vida da CMP expressa esta essência que guia os objetivos e os projetos de vida de seus membros, comprometidos não com sua autorrealização, mas transcendendo a isso, com a preocupação em servir à vida, ao planeta, ao universo, honrando os princípios do movimento. A unidade expressa, pois, esta conexão com o todo (cosmos), remetendo a uma visão holística da existência e a um sentido de pertencimento ao universo.

A unidade potencializa a noção de comprometimento e a responsabilidade com o zelo do próximo e de todos os seres, favorecendo a sustentabilidade de uma forma multidimensional, ou seja, nas relações humanas, nas relações com a natureza, na construção de projetos, entre outros movimentos.

Por isso é tão importante compreender a unidade e a CMP, uma comunidade que têm como propósito a unidade, pode contribuir com a sociedade neste aspecto ao tornar mais clara nas suas atividades a verdadeira face desta virtude que deve ser compreendida em seu significado mais profundo pelo ser humano para que ele viva mais consciente de zelar e proteger o que aqui habita junto consigo, guiado por princípios altruístas e ações éticas e sustentáveis.

A CMP, muito mais que um espaço geográfico, é uma filosofia de vida, podendo ser comparada a uma árvore, onde as raízes são representadas pelos princípios, o tronco pela unidade (propósito), e as ramificações são as ações e os projetos construídos pelo movimento.

As observações realizadas sobre o modo de vida da CMP remetem a acreditar na sua possibilidade de intensificar a geração e difusão de tecnologias sustentáveis, para o seu entorno local e regional, potencializando a articulação com o poder público e outros atores sociais (empresas e ongs) para a disseminação de projetos, visando à sustentabilidade nas suas áreas de ações, além de fomentar o desenvolvimento de redes de solidariedade, congregando escolas, universidades e voluntários interessados.

As suas práticas e ações podem ser replicáveis, adaptando-se a outros assentamentos humanos, mesmo em áreas urbanas, podendo trazer contribuições importantes, que se não resolverem todas as desarmônias da vida moderna (nem são essas as suas pretensões), podem dar pistas para a melhoria da qualidade de vida e o bem-estar no planeta.

Esta pesquisa desenvolvida na CMP aponta a possibilidade do desenvolvimento de investigações semelhantes em outras comunidades sustentáveis, a fim de que sejam buscadas novas experiências, tracem-se paralelos entre elas e desta forma potencializem-se as alternativas para um viver ético e sustentável no século XXI.

Por último, mas não menos importante, foi constatado a partir do estudo realizado, que o modo de vida da CMP mostrou-se sustentável na medida em que seus princípios nortearam as suas ações, nas relações entre seus componentes, na realização dos projetos sócioeducativoambientais, no desenvolvimento de tecnologias sustentáveis e inclusive nas ações com a Rede de Envolvimento Solidário, demonstrando que é possível o resgate de uma integração entre ética, economia e meio ambiente a partir de uma comunidade.

- Recebido em: 17/08/2009
- Aprovado em: 26/10/2009

## Referências

- ALÍER, J. M. **Da economia ecológica ao ecologismo popular**. Blumenau: FURB, 1998.
- BRAVO, L. **Trabalhando com a comunidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Anaconda Cultural, 1982.
- CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Sabedoria incomum: conversas com pessoas notáveis**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v.11, p.53-75, out. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2007.
- CLAVAL, P. **Geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.
- DERRUAU, M. **Geografia humana**. Lisboa: Presença, 1982.
- FERNÁNDEZ DURÁN, R. La necesidad de alternativas al capitalismo global. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.2, n.1, p.18-31, jan./mar. 2001.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LEGAN, L. **A escola sustentável: eco-alfabetizando pelo ambiente**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Pirenópolis: Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado, 2004.
- MANCE, E. A. **Redes solidárias são contrapontos ao sistema globalizado**. Disponível em: <[http://www.agirazul.com.br/fsm4/\\_fsm00000080.htm](http://www.agirazul.com.br/fsm4/_fsm00000080.htm)>. Acesso em: 30 abr. 2008.
- MANUEL, F. E., MANUEL, F. P. **Utopian thought in the western world**. Boston: Harvard University Press, 1979.
- MARTINHO, C. **Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**. Brasília: WWF Brasil, 2004.
- MELO, M. M. **Capitalismo versus sustentabilidade: o desafio de uma nova ética ambiental**. Florianópolis: UFSC, 2006.

NOORGARD, R. Economicismo, ambientalismo e economia ecológica. **Revista ANPEC**, Brasília, n.1, p.105-128, 1997.

PEREIRA, J. R.; GUERRA, A. C. Gestão de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: uma análise comparativa. In: CANÇADO, A. C. et al. (Orgs.). **Os desafios da formação em gestão social**. Palmas, TO: Nesol, Universidade Federal de Tocantins, 2008. p.240-260. (Coleção ENAPEGS, v.2).

RUSCHEINSKY, A. No conflito das interpretações: o enredo da sustentabilidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Sustentabilidade: uma paixão em movimento**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SANTOS JUNIOR., S. J. Ecovilas e comunidades intencionais: ética e sustentabilidade no viver contemporâneo. In: ENCONTRO DA ANPPAS, 3., 2006, Brasília. **Anais...** Brasília, 2006. 1 CD-ROM.

SEN, A. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.